



## INFLUENCERS NÃO ATRAPALHAM O JORNALISMO, PELO CONTRÁRIO, DIZ O PROFESSOR ANTÔNIO HOHLFELDT

Carlos Golembiewski<sup>1</sup>

**Resumo:** Durante o 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM (2024), realizado em 2024 na Universidade do Vale do Itajaí (Univali), em Balneário Camboriú, Santa Catarina, o jornalista, escritor e professor Antônio Hohlfeldt foi homenageado pela sua trajetória acadêmica de quase 40 anos na área da Comunicação e por ter sido Presidente da INTERCOM. Desde 2008, pesquisa a história da Imprensa no Brasil e na América Latina. Nesta entrevista ao jornalista e professor Carlos Golembiewski, Hohlfeldt fala, entre outros temas, sobre a longevidade do referido Congresso, da influência do Brasil na independência de vários países da região, do Jornalismo atual e da presença dos *influencers*.

**Palavras-chave:** Antônio Hohlfeldt; Jornalismo; Brasil; América Latina;

**Gostaria que o senhor falasse primeiro, professor, sobre a homenagem que recebeu da INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.**

**Hohlfeldt** – Bom, a gente tem vários modos de pensar, né? De brincadeira, é para os velhos. A gente completa x idade e começa a ser homenageado. Na verdade, foi um projeto que se criou alguns anos atrás de se discutir, de se reexaminar, de se reavaliar as carreiras acadêmicas daqueles professores que, em algum momento, se tornaram presidentes da INTERCOM, até para atualizar um pouco, porque, realmente, as outras gerações que continuam vindo aos congressos, de repente, não sabem. Bom, por que aquele sujeito lá era importante? Por que ele virou o presidente do INTERCOM?

E uma outra coisa que a professora Cristiane, hoje, fez uma referência rápida. O professor José Marques de Melo, costumava dizer, e a Cristiane, hoje, repetiu, que esses congressos, para os alunos jovens, têm essa oportunidade básica de encontrar a bibliografia caminhando no parque.

Porque o livro de teorias, os livros do José Marques, enfim, vários de nós que escrevemos alguns livros, o pessoal, os alunos, leem os livros, não conhecem o autor, como normalmente acontece, de repente, o autor está lá no congresso. E são autores acessíveis, dá para conversar em português sem problema nenhum, o pessoal bate papo, senta-se na mesma mesa, na mesma sala. Então, eu acho que isso é uma coisa importante.

Então, você atualiza a memória da INTERCOM e, ao mesmo tempo, você mostra a dinâmica do evento. Que é isso que eu falei logo na abertura. Esse fluxo, professor-aluno, eu diria, uma geração para outra geração.

A INTERCOM deve estar agora, com o Juliano como presidente, na quarta geração, pelo menos, daqueles que assumiram em algum momento a presidência do INTERCOM. Começando lá, desde o início, com o José Marques, Ana Maria Fadula, Margarida Kunsch, e assim por diante.

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Jornalista pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor no curso de Jornalismo e no Programa de Mestrado em Gestão de Políticas Públicas da Univali. [carlosinterflegado@yahoo.com.br](mailto:carlosinterflegado@yahoo.com.br)

**Então, dá pra dizer, professor, que esse foi o grande segredo do Congresso da INTERCOM, que se mantém há quase 50 anos, como um evento dessa grandeza.**

**Hohlfeldt** – Sem dúvida nenhuma. Eu acho que a fala da esposa, viúva do professor José Marques, a Sílvia, foi básica, porque é isso. Quer dizer, ter trazido e ter aberto um espaço para o jovem. Porque, aquele negócio, o velho tem a mania de morrer. Não adianta, faz parte da regra do jogo. Então, você tem que trazer o jovem para dar continuidade.

Assim como o professor tem o aluno, esse aluno depois avança, termina o seu curso de graduação, vai para o mestrado, vai para o doutorado, em algum momento se torna professor. Hoje, aqui, na minha mesa, foi isso. A professora Aline Strelow foi a minha primeira bolsista de iniciação científica.

Hoje, ela é professora da FABICO (UFRGS), concursada, e é minha colega de pesquisa. Nós temos um grupo de pesquisa sobre a história da imprensa do Rio Grande do Sul, no século XIX. Então, isso é fundamental.

Outro aluno que estava aqui, o Eduardo Comerlato, ele foi meu aluno de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), hoje está terminando o doutorado, fez mestrado fora, voltou para o doutorado para trabalhar comigo. Agora com a minha saída, ele vai trabalhar com o professor Juremir Machado. Mas, quer dizer, eu vou acompanhar o trabalho dele. Isso é o fundamental.

Você vai dando essa quantidade e não vai perdendo o fio da meada. Não quer dizer que fica com o velho, você vai sempre acrescentando outro. Hoje, a gurizada aqui está pesquisando coisas, por exemplo, do digital, que não estava na nossa cabeça há 40 anos atrás.

Mas, é outra coisa que se falou, a publicação desses livros dos congressos é outra coisa importante. Se você quer pensar quais foram os grandes problemas na área da comunicação no Brasil, pegue os livros dos congressos da INTERCOM. Foram aqueles temas escolhidos ano a ano para discutir o que estava ali acontecendo, como nesse ano. Então, isso é a alma, realmente, da INTERCOM.

**Que bacana. Professor, já que estamos falando em pesquisa, o que você está pesquisando nesse momento tem a ver com os jornais da América Latina?**

**Hohlfeldt** – De novo, provocado pelo José Marques, lá em 2004, ele já alertava aqui no âmbito da INTERCOM, olha, 2008 é o bicentenário da imprensa do Brasil (1).

Temos que começar a trabalhar mais com a história da imprensa do Brasil. E isso me levou exatamente, em 2009, a fazer o pós-doutorado em Portugal com um projeto que reuniu colegas de Portugal, do Brasil, de Angola, Moçambique, Cabo Verde, e a fazer uma história de jornalismo luso-brasileiro. A partir da figura do Hipólito José da Costa (vide nota 1).

Você encontra na história de jornalismo de Portugal, encontra na história de jornalismo aqui do Brasil. Isso redundou em 2014 uma primeira edição de um longo livro, um grande livro, em inglês, um livro digital em inglês, para vender na Europa, para chamar a atenção. Os europeus, em geral, não conhecem muito nem África, nem Ásia, nem América.

Em 2017 saiu, então, uma versão em língua portuguesa. E, a partir daí, eu comecei a me dar conta que havia um paralelismo que podia ser realmente concretizado num estudo sobre o jornalismo do Brasil e os jornalismo dos países hispano-americanos. Então, passei uns dois anos dando uma estudada nisso e procurando fazer etapas de estudo.

Você imagina estudar o jornalismo de todos os países da América Latina, mais Brasil. Bom, então, eu fiz etapas. A primeira etapa que eu chamei de Gênese do Jornalismo da América Latina, que cobre quase 100 anos, mas que tem um dado unificador.

Todos os jornais se chamam Gazeta. Então, isso te dá qual era o formato do jornalismo no século XVIII e XIX. Gazeta do México, 1722, Gazeta da Guatemala, 1729, e, daí, vai... Gazeta de Lima, Gazeta de La Habana, Gazeta de Buenos Aires, Gazeta do Rio de Janeiro.

E, aí, eu fechei o primeiro bloco. Essa etapa durou quatro anos de estudos, virou uma dezena de artigos, que eu estou, agora, englobando junto com o meu orientando, o Eduardo. Vamos fazer um livro sobre essa primeira etapa.

A segunda etapa é a questão das guerras da independência e o jornalismo. E, aí, começa assim, de novo. O que acontece? Todos se reúnem em Londres. Hipólito, Simon Bolívar, Francisco de Miranda, San Martín, Bernardo O'Higgins, Antônio Narinho, todos se reúnem em Londres. E quem é que recebe eles? O Hipólito. O Hipólito é amigo de todos. Todos chegam a Londres para quê? Para pedir dinheiro, para fazer revolução. Mas quem está lá é o Hipólito. E o Hipólito está escrevendo no Correio Brasiliense a respeito desses caras.

Por exemplo, na edição 9 do Correio Brasiliense, você tem lá um longo artigo sobre o Francisco de Miranda. E foi sempre uma coisa que me chamou a atenção. Por que o Hipólito escreveu sobre o Miranda? Na verdade, ele se tornou amigo do Miranda, que vai ser o grande revolucionário para independizar a Venezuela. Então, essa é a segunda etapa. A etapa que eu estou agora.

### **Então, dá para dizer até que o Brasil teve uma grande influência na independência desses países?**

**Hohlfeldt** – Sim, embora o Hipólito seja o único que não era militar, porque todos os outros são militares, o José da San Martín faz a guerra da independência no Chile, faz a guerra de Lima, Bolívar, faz a guerra da Colômbia, depois do que hoje é Venezuela e assim por diante.

O Hipólito, não. Mas foi ele que articulou a coisa toda. A terceira etapa, depois, é a questão da fragmentação, o surgimento das nacionalidades, que corresponde, no Brasil, ao período entre Primeiro Império e Segundo Império, que nós temos aqui as revoluções.

A Revolução Farroupilha (2), a Sabinada (3). Você tem um processo paralelo. Dá para fazer uma história conectada do jornalismo na América. E é isso que eu estou tentando fazer.

### **E hoje, o Brasil, como é que você avalia a imprensa brasileira em relação à América Latina? O Brasil é líder em vários contextos, nesse também?**

**Hohlfeldt** – É, para bem ou para mal, porque, na verdade, nós temos um jornalismo muito marcado pela ideologização, pela partidarização, pela circulação de *fake news*, e isso é um fenômeno que, infelizmente, ocorre em toda a América Latina e ocorre na Europa e no mundo inteiro. Mas, ao mesmo tempo, acho que nós ainda temos uma grande vitalidade de acreditar no jornalismo. E eu fiz uma pesquisa na época da covid-19.

A Aberje (Associação Brasileira de Comunicação Empresarial) (3) fez uma campanha muito interessante. Eu fiz um artigo pesquisando como é que estava a credibilidade da imprensa. E a credibilidade da imprensa subiu muito naquele período da covid.

E, agora, na enchente (maio de 2024), mais especificamente no Rio Grande do Sul, de novo a gente viu isso. Quer dizer, a RBS, a Rádio Gaúcha, muito especialmente, ela interrompeu completamente a programação cotidiana e fez cobertura 24 horas por dia de vários pontos do Estado do Rio Grande do Sul a respeito da enchente.

**Fortalecendo muito o nosso papel?**

**Hohlfeldt** – A Globo mandou o pessoal para trabalhar com a RBS, porque eles são afiliados, inclusive colocou uma repórter da RBS para trabalhar na bancada da Globo News no jornal das dez da noite. Então houve, assim, uma revalorização e uma importância, de novo, do jornalismo. Quando é que acontece isso? Quando você tem caos, quando você tem crise, quando você tem necessidade de quê? E esse é o básico, da informação.

E o que faz o jornalista? Traz a informação.

**Professor Hohlfeldt, para finalizar essa conversa, o que tu achas dessa questão dos *influencers* que estão banalizando a informação e até questões sérias de saúde estão acontecendo, porque as pessoas estão acreditando em tudo que está na rede?**

**Hohlfeldt** – Mas, de novo, não é uma novidade. O fenômeno, hoje, ganha importância. Você tem tecnologias, rapidez e açambarcamento (monopólio) de áreas, mas o *influencer* é, no fundo, o mesmo cara aquele que fazia o *panfletinho* e ficava distribuindo, querendo convencer as pessoas das suas ideias. Só que, coitado, se matava para trabalhar fazendo aquilo.

**E agora, não?**

**Hohlfeldt** – Agora, não. Agora, você clica aqui e fez a coisa toda. Mas o fenômeno em si do *influencer* não é novo. Pode ter tido outro nome. E isso é uma coisa que eu sempre chamo a atenção. A gente tem que se dar conta. O que é que muda? Mudam as tecnologias, os suportes, a rapidez, a quantidade, a amplitude, mas não muda o fenômeno.

**Mas, não acaba afetando a credibilidade do jornalismo de alguma forma?**

**Hohlfeldt** – Eu acho que é o contrário, sinceramente falando, porque, bem ou mal, as pessoas se dão conta que o que dá para você ter confiança, de fato, é o que o jornal, o jornalismo, produz. Em jornal, ou não. O *influencer*, enfim, é a curiosidade, é o divertimento, outras coisas. Mas para você acreditar, de fato é o Jornalismo, por isso que, na crise, ele aparece.

**NOTAS**

1. O Correio Braziliense foi o primeiro jornal do Brasil. Dirigido e editado em Londres, Reino Unido, por Hipólito José da Costa. Para saber mais, acesse: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/bicentenario-da-imprensa-brasileira.pdf> Acesso em: 17 set. 2024.

2. A Revolução Farroupilha, também conhecida como Guerra dos Farrapos, teve início na então província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em 20 de setembro de 1835, estendendo-se até março de 1845. Esse período de quase uma década é considerado como uma das mais importantes passagens da história do Rio Grande do Sul, um marco na formação social e política do estado. Fonte: Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul.

Sobre - Secretaria da Cultura Acesso em: 17 set. 2024.

3. Revolução da Sabinada – Movimentos separatistas como a Balaiada no Maranhão, e a Cabanagem, no Pará, a Farroupilha, no Rio Grande do Sul, e a Sabinada, na Bahia, colocaram em xeque a unidade política da ex-colônia portuguesa. Mesmo sem alcançar sucesso, eles fizeram emergir a insa-

tisfação de grupos sociais pouco ou nada beneficiados com o processo de independência.

Fonte – Portal de Periódicos da UFBA. Link:

18838-Texto do Artigo-63833-1-10-20070320.pdf Acesso em: 17 set. 2024.

4. Aberje – para saber mais: Portal Aberje - Associação Brasileira de Comunicação Empresarial Acesso em: 17 set. 2024.